

***GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: COMO RESISTIR E ACOLHER******GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA ESCUELA: CÓMO RESISTIR Y ACOGER******GENDER AND SEXUALITY AT SCHOOL: HOW TO RESIST AND WELCOMING***

Luana Pires Barbosa¹
Cláudia Pereira Vianna²

RESUMO

Nos últimos anos, retrocessos políticos fomentaram o discurso antigênero na educação. Entretanto, conquistas históricas permanecem e torna-se urgente destacar práticas pedagógicas de resistência comprometidas com uma instituição escolar mais diversa e acolhedora quanto às questões de gênero e sexualidade. Assim, o presente artigo expõe resultados de pesquisa³ sobre a inserção da temática de gênero e sexualidade em uma escola pública estadual do município de São Paulo. A investigação desenvolveu-se por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas com docentes e rodas de conversa com estudantes. Para este artigo prioriza-se a análise de uma disciplina eletiva oferecida para estudantes de Ensino Médio. Argumenta-se que a consistência e longa duração de um trabalho pedagógico estruturado, orientado para a problematização das desigualdades de gênero nas escolas, resulta na valorização das diferenças em sala de aula e no acolhimento de estudantes e docentes que fogem das normas gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Educação em Sexualidade. Ensino Médio.

RESUMEN

En los últimos años, los reveses políticos han alimentado el discurso antigénero en la educación. Sin embargo, los logros históricos persisten y se hace urgente visibilizar prácticas pedagógicas de resistencia comprometidas con una institución escolar más diversa y acogedora en cuestiones de género y sexualidad. Así, este artículo presenta resultados de una investigación sobre la inclusión de la temática de género y sexualidad en una escuela pública estatal de la ciudad de São Paulo. La investigación se desarrolló a través de observación participante, entrevistas semiestructuradas a docentes y grupos de

¹ Mestra em Sociologia da Educação. Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação – São Paulo (SP), Brasil. E-mail: luannapb@gmail.com.

² Livre docente e Associada Sênior. Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação – São Paulo (SP), Brasil. E-mail: cpvianna@usp.br.

³ A escrita do presente artigo só foi possível com o apoio do Edges (Estudos de gênero, educação e cultura sexual), da escola pesquisada, dos/as professores(as) que colaboraram com a pesquisa e de todos/as que contribuíram com reflexões ao longo do processo.

discusión con estudiantes. Este artículo prioriza el análisis de una asignatura optativa ofertada a estudiantes de secundaria. Se argumenta que la consistencia y la larga duración del trabajo pedagógico estructurado, orientado a problematizar las desigualdades de género en las escuelas, resulta en la valorización de las diferencias en el aula y la aceptación de estudiantes y docentes que se desvían de las normas de género.

PALABRAS-CLAVE: Género. Educación Sexual. Bachillerato.

ABSTRACT

In recent years, political setbacks have fueled anti-gender discourse in education. However, historical achievements remain, and it is urgent to highlight pedagogical practices of resistance committed to a more diverse and welcoming school institution regarding gender and sexuality issues. Thus, this article presents the results of research on the inclusion of gender and sexuality issues in a state public school in the city of São Paulo. The research was developed through participant observation, semi-structured interviews with teachers, and discussion groups with students. This article prioritizes the analysis of an elective course offered to high school students. It is argued that the consistency and long duration of structured pedagogical work aimed at problematizing gender inequalities in schools results in the valorization of differences in the classroom and the acceptance of students and teachers who deviate from gender norms.

KEYWORDS: Gender. Sexuality Education. High School.

* * *

Introdução

Revista
Diversidade

Este artigo é um recorte de pesquisa de mestrado (Barbosa, 2022) que teve como questão norteadora identificar desafios, dificuldades e motivações decorrentes da inserção da temática de gênero e sexualidade em uma escola pública estadual do município de São Paulo, que desenvolve um programa estruturado e de longa duração denominado “Programa de Gênero e Sexualidade”. O estudo de caso foi desenvolvido utilizando-se a técnica de observação participante, realizada em uma das disciplinas eletivas oferecidas pelo programa. Acompanhou-se um grupo de estudantes de Ensino Médio ao longo das aulas desta eletiva e, na sequência, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores e professoras integrantes e/ou responsáveis pelo programa “Gênero e Sexualidade”, bem como uma roda de conversa com os/as estudantes.

A investigação com a qual esse artigo dialoga foi iniciada em março de 2019, primeiro ano do governo de Jair Messias Bolsonaro. Governo que, abertamente, fez clara oposição a políticas feministas, antirracistas e de promoção dos direitos de pessoas

LGBT+³ procurando inviabilizar a discussão de gênero e sexualidade nas escolas e que, repetidamente, promoveu ataques aos direitos já conquistados pelas mulheres, pela população indígena, negra e LGBT+. Porém, essa discussão já foi motivo de incômodos e retrocessos em governos anteriores.

Nas últimas décadas as políticas públicas e, especialmente as educacionais, foram fortemente transversalizadas e pautadas pelo uso do gênero como categoria de análise (Scott, 1995) e em parte das agendas progressistas dirigidas para a formação em gênero e sexualidade em nossas escolas. Mesmo assim, ou talvez até por conta desse êxito, ocorreram diversos retrocessos políticos, acentuados desde o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em meados de 2015. Neste período, a ala conservadora do Congresso Nacional ganhou destaque midiaticamente por combater conquistas históricas dos movimentos de mulheres e de pessoas LGBT+. Essas conquistas visavam tornar a instituição escolar mais diversa e acolhedora, mas ao que parece, o que deveria ser um direito, passou a ser alvo de proibição, denúncia e retrocesso (Prado; Correa, 2018; Junqueira, 2018; Vianna; Bortolini, 2020; Gava, Vianna, 2024).

Helena Altmann (2005) nos lembra que a presença da temática de gênero e sexualidade na escola independe de propostas pedagógicas intencionais. A sexualidade é vivenciada e experienciada por jovens o tempo todo e em todos os espaços. Entretanto, como ressalta Jimena Furlani (2008, p. 287), a Educação em Sexualidade muitas vezes assume no espaço escolar um papel polêmico, o que fez prevalecer “o conveniente silenciamento, a estratégica restrição temática, o privilegiamento do senso comum, a manutenção do preconceito e da intolerância, a possível falta de preparo pedagógico (...) e o sutil descaso por parte da Escola e das políticas educacionais”

De acordo com Vanessa Leite (2019, p. 138) “a sexualidade e as expressões de gênero das crianças e dos adolescentes assumem papel central no confronto de racionalidades, moralidades e na política, bem como na expressão de projetos de sociedade”, mas está cada vez mais cercada de tabus.

A escola ainda é um espaço voltado para a manutenção das normas de gênero, onde não são concebidos ou bem aceitos corpos que, em alguma medida, são vistos como incomuns ou transgressores. Guacira Lopes Louro (1997, p. 135) acrescenta que “quando a dimensão do prazer está presente, ela tem como pressuposto exclusivo o desejo

³ Sabemos que as reivindicações acerca de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexo, assexuais, pansexuais têm sido distintamente nomeadas ao longo da histórica ampliação da promoção de seus direitos. Assim, optamos pela nomenclatura LGBT+, uma vez que é a mais utilizada pela escola pesquisada.

heterossexual”. Isso colabora para que pessoas não identificadas com a heterossexualidade se sintam, à priori, como seres estranhos.

Segundo o documento "Dados sobre feminicídio no Brasil" (2020) o Brasil é o quinto país com a maior taxa de feminicídio do mundo, sendo que, em 2013, foi registrado um a cada 90 minutos. Ainda neste mesmo documento, o Brasil tem o maior índice de violência contra pessoas transgênero e registrou, de 2008 a 2016, 868 assassinatos no mínimo, uma vez que esse número não é exato devido à dificuldade de obter essas informações com exatidão.

De acordo com o "Relatório: Observatório de Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil", em 2020, 237 pessoas LGBTQ+ sofreram morte violenta no Brasil, sendo 224 vítimas de homicídio por homotransfobia: (94,5%) e 13 suicídios (5,5%). Ainda que o documento tenha contabilizado uma redução das mortes em 2019 para 2020, os dados ainda são alarmantes. Dessas mortes, o maior número é o de travestis e de pessoas trans, contabilizando 70%, seguido ao longe por gays (22%), lésbicas (5%), homens trans (1%), bissexuais (1%) e dois homens heterossexuais confundidos com gays (0,4%).

Os índices de violência contra as mulheres e a população LGBTQ+ são mais assombrosos a cada ano e nos revelam a necessidade e a urgência de incluir, com ainda mais afinco e intencionalidade, a discussão dessas temáticas na escola.

Contudo, cabe lembrar que as pessoas em geral não são alvos passivos. Como diz a filósofa Judith Butler (2000, p. 154) sua existência persistente denota resistência, ou, ainda nas palavras dela, "os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta".

Assim sendo, a presença da discussão de gênero e sexualidade na escola é fruto de um processo de idas e vindas, marcado necessariamente por resistências. Não há linearidade no diálogo sobre essa temática porque tratar dela significa tratar de relações de poder e, com isso, se faz inevitável usar de forças simbólicas para mantê-la em voga (Scott, 2012).

Mesmo em um ambiente de controle, como a instituição escolar, a ordem tem sido subvertida com o acolhimento e o acesso a informações que jovens julgam importantes para a sua construção identitária e para o indispensável direito à educação. Por isso, torna-se urgente dar visibilidade às práticas pedagógicas de resistência e persistência de educadores e educadoras comprometidos com a discussão de gênero e sexualidade na sala de aula. Isso se torna ainda mais imprescindível, considerando que, nos últimos anos, a

produção acadêmica tem se voltado para a análise e compreensão dos retrocessos em curso no Brasil. Há que se avançar pelas frestas.

A escola e seu projeto de Gênero e Sexualidade

A proximidade com uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada na Zona Oeste do município de São Paulo, que já desenvolvia um projeto estruturado intitulado “Gênero e Sexualidade”, facilitou nosso acesso.

Em 2020, a escola atendia, nos períodos vespertino e matutino, o total de 715 estudantes, sendo 404 do Fundamental I e II e 171 do Ensino Médio. A equipe escolar contava com uma diretora e uma vice-diretora, três pessoas responsáveis pela orientação educacional, 49 docentes e 21 funcionários/as técnico-administrativos.

A entrada de visitantes na escola era realizada pela secretaria. Passando por ela a primeira visão era a de um pátio coberto e amplo, com alguns bebedouros e espelhos que davam acesso a rampas e escadas para as salas de aula do Ensino Fundamental. O pátio se conectava com um espaço aberto, ainda mais amplo, com alguns bancos de cimento cobertos, um gramado com árvores e uma quadra poliesportiva à esquerda do pátio. Seguindo mais um pouco, encontrávamos a cantina à direita e o prédio onde as aulas foram observadas. Ao entrar no prédio, à esquerda, havia a sala de Artes Visuais, também utilizada para as aulas de Artes Cênicas, e, à direita, duas salas amplas, para oferecimento das disciplinas eletivas aos jovens e atividades para crianças pequenas. Sua configuração era de sala de aula com cadeiras e mesas em formato mini e, ao fundo uma brinquedoteca com tapete de EVA, almofadas para a roda de leitura e baús com brinquedos. Na parede, estavam dispostos o alfabeto e cartazes produzidos pelas crianças pequenas.

O trabalho da escola com a temática de gênero e sexualidade iniciou-se na década de 1990, fruto da iniciativa de um grupo de professores homens que atuava no Ensino Fundamental II e Médio. As atividades tinham como objetivo inicial a orientação sexual de adolescentes, com foco na prevenção de doenças e de gravidez. A discussão de gênero ainda não era o foco do trabalho pedagógico naquele momento. Essa percepção é confirmada por João Roberto⁴, professor de Geografia e mestre em educação e sexualidade. Ele foi o principal responsável pelo projeto em sua fase inicial e permanece

⁴ Conforme estabelecido pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, todos os nomes de integrantes e participantes do Projeto são fictícios.

como integrante da equipe atual. João Roberto rememora a criação, em 1995, do projeto de Sexualidade a partir de outro projeto de Ciências e Biologia já existente.

Posteriormente, o trabalho foi ganhando corpo e o grupo de professoras e professores passou a discutir um material da ONG ECOS, intitulado “Comunicação em Sexualidade sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), AIDS e métodos contraceptivos”.

Entre 2007 e 2008 houve uma mudança curricular e vários docentes deixaram a escola. Com isso, a discussão destas temáticas passou a ocorrer no “Espaço-Projeto”, com foco principal na orientação sexual. Esse espaço, criado na grade curricular, tinha duração de 50 minutos semanais e era destinado a acolher diferentes projetos escolares.

A partir de 2014, três professoras preocupadas com as temáticas de gênero e sexualidade ingressaram no projeto “Sexualidade” juntamente com o professor João Roberto, único responsável naquele momento. Anos mais tarde, o projeto passou a ser denominado “Gênero e Sexualidade” e suas reuniões tinham por objetivo desenhar um planejamento mais estruturado e introduzir outros assuntos, como questões de raça/etnia, prevenção às drogas e orientação educacional.

No ano de 2016 as atividades no “Espaço Projeto” se mantiveram em uma aula “dobrada” de 1h40min e a escola propôs um evento de maior alcance para a comunidade, a “1ª Jornada de Gênero e Sexualidade”. Esse evento foi organizado por professoras e professores durante um fim de semana com palestras e atividades com profissionais especializados na temática:

A partir desse momento o projeto, já de longa duração, passou a problematizar mais sistematicamente as desigualdades de gênero e as questões relacionadas à produção das sexualidades, das orientações sexuais e das identidades de gênero. Além das “Jornadas de Gênero e Sexualidade” ao longo dos semestres foram incluídas as ofertas de disciplinas eletivas sobre as temáticas de gênero, com o objetivo de auxiliar na superação de estereótipos, preconceitos e formas de discriminação, como o machismo e a LGBT+fobia utilizando como base os direitos humanos e o respeito às diferenças.

Observação participante e entrevistas: detalhamento da metodologia

No primeiro semestre de 2019, iniciamos as conversas com a equipe escolar e todas as pessoas integrantes do projeto. Também mapeamos as disciplinas eletivas que

seriam oferecidas ao Ensino Médio, selecionamos uma delas e acompanhamos todas as atividades propostas pela disciplina eletiva escolhida.

Do ponto de vista metodológico, optamos pelo modelo de observação participante, pois permitiu seguir o percurso da disciplina e perceber as interações entre docentes e estudantes durante as aulas, além de prever o registro das interações entre pares, falas, gestos e interpretações de situações cotidianas em um diário de campo, material de suma importância para posterior análise qualitativa do campo.

Angela Alonso (2016, p. 10) define dois tipos de observação participante: o *insider* e o *outsider*, esta pesquisa se enquadrou na definição do segundo modelo com base na observação dos “indivíduos envolvidos no fenômeno que está estudando, conversa informalmente, recolhe relatos, toma notas do que ouve e vê”.

No semestre em que previmos a observação em sala de aula foram oferecidas três disciplinas para o Ensino Médio. Uma delas, denominada “Desvendando o armário: o movimento LGBTQ+ brasileiro através de jogos” tinha como objetivo explorar, por meio de jogos, os diferentes grupos que compõem o movimento LGBTQ+ brasileiro e suas lutas históricas. Esta foi a disciplina selecionada para o adensamento das reflexões propostas neste artigo com base nas observações realizadas e nas entrevistas e diálogos com Paula, professora de Artes Cênicas e coordenadora do projeto; Rodrigo, estagiário e professor responsável pela disciplina; Caio e Sara, também bolsistas de graduação que atuaram como apoio à Rodrigo durante a disciplina.

Além da observação participante adotamos o modelo de entrevista compreensiva com diálogo constante com a pessoa entrevistada e que, após um período de convivência, trouxe mais personalidade e interação onde foi possível considerar a pertinência dos assuntos a serem tratados, sem desconsiderar a voz e o interesse da pessoa entrevistada no trato de assuntos e fatos mais relevantes (Ferreira, 2014). Para este artigo selecionamos quatro pessoas entrevistadas.

Paula, com 37 anos, branca, heterossexual, é professora de Artes Cênicas e integrante do programa "Gênero e Sexualidade". Ao resgatar sua trajetória profissional, destaca o longo processo que moldou seu interesse pelas questões de gênero e sexualidade ao longo de sua vida escolar. Sua jornada na educação começou com o curso de Magistério, uma formação de nível médio para futuros professores/as, ocasião em que, segundo ela, não teve qualquer contato com as temáticas de gênero e sexualidade. Diante da ausência da temática em sua formação inicial, outros espaços ocuparam a função de

refletir sobre gênero e sexualidade até que chegasse à escola e integrasse a equipe de coordenação do projeto.

Rodrigo, com 28 anos, branco, é LGBTQ+, ministrante da disciplina eletiva investigada, juntamente com Caio e Sara. Ingressou na graduação em Artes Cênicas em 2016 e, em 2018, começou a estagiar na escola. Ele relata sua vivência no teatro com o semblante nostálgico de quem pôde encontrar em um espaço alternativo, vivências e descobertas que não lhe foram propiciadas no âmbito escolar.

Faz-se oportuno enfatizar que Paula e Rodrigo tiveram em sua formação inicial apenas um contato com a discussão de gênero e sexualidade somente fora da escola - no teatro. Ambos relataram curiosidades diferentes pelo tema em sua adolescência, mas não notavam no âmbito escolar oportunidades para sanar determinadas dúvidas e inquietações. Somente fora da escola foi aceitável ter acesso a essa discussão por meio da arte. No entanto, não é viável afirmar que o percurso de ambos foi o único responsável por dar-lhes a bagagem necessária para o trato desses assuntos.

Já no caso de Sara e Caio, o repertório adquirido sobre gênero é outro. Sara tem 26 anos, branca, heterossexual, possui Bacharelado e Licenciatura em História, e pretendia prestar Pedagogia no fim do ano de 2019. Ingressou na escola em setembro de 2019, momento do início da disciplina eletiva e trouxe um conhecimento que lhe permitiu realizar algumas entradas em salas de aula para debater consentimento, masculinidades, machismo e *bullying*. Sara tinha muitas referências sobre música e artistas da cena LGBTQ+ no contexto atual. Caio, é estudante de Letras com habilitação em Inglês e está cursando a Licenciatura. Tem 25 anos, branco, LGBTQ+ e trabalha na escola desde o 1º semestre de 2019. Talvez devido à militância LGBTQ+ mostrava desenvoltura com o tema, o que lhe propiciou a chance de ministrar, juntamente com Rodrigo, a eletiva “Gênero: do artístico ao cotidiano”, que tratava de gênero, sexualidade e literatura.

O gênero na disciplina eletiva: pontos de partida e de chegada

A proposta da disciplina eletiva, segundo Rodrigo, partiu da solicitação de alguns estudantes interessados em saber um pouco mais sobre o movimento LGBTQ+. Diante da decisão de propor a eletiva por meio de jogos. Foi necessário pensar na logística para tratar do movimento LGBTQ+ brasileiro, suas lutas, peculiaridades, disputas internas e marcos históricos. A partir desse contexto, a eletiva foi planejada com a finalidade de explorar o movimento LGBTQ+ brasileiro por meio da utilização de quizzes, com os quais

alunos e alunas disputariam entre si, em duplas ou grupos, para responder a perguntas sobre as temáticas discutidas em cada aula.

A disciplina foi ministrada às terças-feiras, das 11h10 até às 12h05. Com onze estudantes inscritos/as voluntariamente, sendo a maioria composta por meninas. Ao longo das aulas era tratada uma letra da sigla LGBTIAP+. A primeira aula tratou da letra L (movimento lésbico), seguida de aulas sobre as letras G (gay), B (bissexual), T (trans), I (intersexual), A (assexual) e P (pansexual).

Quando o movimento gay foi o foco da discussão, havia uma aluna muito ansiosa pelo o dia da aula sobre o movimento bissexual: “Quero que chegue a aula do ‘B’, porque o ‘B’ é o nosso!”, disse ela para Caio, que respondeu que seria na aula seguinte.

As expectativas geradas entre alunas e alunos quanto aos temas trazidos para o debate caminhavam na contramão do tratamento polarizado da sexualidade como já criticado por Louro (1997, p. 133): “[...] saudável/doentio, normal/anormal (ou desviante), heterossexual/homossexual, próprio/impróprio, benéfico/nocivo, etc.”

A disciplina buscava explorar o movimento LGBTQ+ como um todo, visando informar aos alunos e alunas sobre cada luta específica, sobre as contradições e disputas dentro do movimento e sobre a história de cada um dos grupos sem, com isso, fazer juízo de valor acerca dos assuntos tratados. De tal modo, essa experiência procurou problematizar o silenciamento do gênero das abordagens vivenciadas por Rodrigo e Paula quando eram estudantes, corroborando a descrição da pesquisadora Deborah Britzman (2000, p. 86):

Nos modelos normativos de educação, ligados à ideia de desenvolvimento, a educação sexual se torna preocupada em colocar a especificação do objeto apropriado como um problema e em privilegiar aqueles sujeitos que devem ser vistos como "normais".

Como exemplo, podemos citar a aula sobre a letra T (transsexual/transgênero), em que Thiago estava muito agitado, mexendo nos materiais da brinquedoteca e cutucando as amigas durante a aula toda. Sara abordava em sua fala a repercussão midiática quando a modelo trans Roberta Close foi capa da revista *Playboy*. Segundo Sara, na época, a mídia explorou bastante o assunto e a principal curiosidade das pessoas era saber qual órgão genital a modelo possuía.

Thiago, que parecia não estar prestando atenção na aula, falou baixinho: “Ninguém precisa saber se ela é menina”. Poucas pessoas ouviram, mas podemos concluir que sua fala é fruto da reflexão que vinha fazendo ao longo da explanação de Sara sobre

o que foi vivenciado pela modelo à época. Essa ponderação pareceu mais um diálogo interno do que algo que ele queria expressar para o grupo, e suscitou em nós alguns questionamentos. Será que por não ser LGBTQ+, ele não se sentia à vontade para participar mais ativamente das aulas? Ou será que demonstrar interesse por essas temáticas seria para ele colocar em xeque a sua masculinidade?

Em uma outra aula, os/as ministrantes da disciplina solicitaram que alunos e alunas se dividissem em dois grupos para disputar o quiz a cada rodada. Deveriam escolher um nome e uma garota pertencente ao grupo intitulado “Sapatonas Convictas”, ao perder uma rodada, afirmou: “A gente tá muito hétero hoje!”, fazendo menção ao fato de que poderiam não saber determinadas respostas, pois estariam agindo como heterossexuais, grupo que talvez pouco compreendesse, segundo ela, a cultura LGBTQ+.

Nesse mesmo dia, após errar uma questão sobre o surgimento do movimento de mulheres lésbicas feministas no Brasil, outra garota afirmou: “A gente é bem hétero!” Em um momento diferente, para desencorajar uma menina a responder uma pergunta em que tinha como objetivo reconhecer a foto do cantor Cazuza, uma das alunas LGBTQ+ diz a uma colega: “Ela não vai saber, porque ela é muito hétero”.

Essas situações e diálogos ilustram alguns dos momentos em que essa frase foi dita em sala. Mas é interessante pensarmos sobre os significados dessa expressão para o grupo, pois, de alguma maneira, as pessoas LGBTQ+ da sala se tornaram um grupo detentor de alguns saberes a cada aula.

Em outra ocasião, as pessoas LGBTQ+ participantes da disciplina estavam agrupadas do lado esquerdo da sala e as outras pessoas do lado direito. Uma das meninas do grupo LGBTQ+ percebeu essa coincidência, riu e disse: “Olha aquele grupo. Sai hétero!”. Ainda que essa divisão não tenha sido exatamente planejada, provavelmente, indica que a cultura heterossexual talvez fosse rejeitada por alguns/as participantes da disciplina.

Todavia, ao mesmo tempo, manifesta a importância do agrupamento das pessoas pelo que há de comum entre elas. Nas falas dos/as alunos/as foi possível perceber que reconheciam a sala de aula como um espaço de escuta e privilégio, pois sentiam que não teriam oportunidade para serem quem são em outra escola, na qual tinham clareza de que não seriam aceitos e respeitados.

Uma vez que a disciplina tinha como objetivo visibilizar os grupos LGBTQ+, ampliar a discussão em torno da diversidade sexual e de gênero e compartilhar dúvidas sobre cada letra do movimento, parece esperado que as pessoas identificadas como

LGBT+ se sentissem mais confortáveis em dividir suas ideias e opiniões a respeito da temática tratada. Inclusive, porque possuíam um repertório específico de quem se identifica com esse grupo e vivencia ou já vivenciou um não-lugar, próprio de uma sociedade heteronormativa.

Assim, foi possível notar a configuração de um processo de desconstrução da oposição binária. Como lembram Célia Rossi, Carla Vilaronga, Osmar Garcia e Teresa Lima (2012), esse movimento possibilitou um olhar crítico para as diversas possibilidades de feminilidade e de masculinidade, dando lugar a outras formas de se entender e de construir a própria subjetividade. Tendo isso em vista, a disciplina contribuiu para ampliar essas probabilidades, mostrando a importância de se valorizar a diferença e o acolhimento e construindo uma reflexão crítica sobre a heteronormatividade.

Ao longo do acompanhamento das aulas foi igualmente possível perceber que ser LGBT+ era motivo de orgulho, e esse sentimento de pertencimento foi aumentando a cada aula e, ao mesmo, tempo nas relações escolares como um todo.

Paula, professora integrante do Projeto “Gênero e Sexualidade” reconhece avanços quando compara o momento atual com quando chegou à escola:

A gente tinha alunos gays na escola, que eram ridicularizados pelas outras pessoas na condição de ‘viados’ e hoje isso não acontece mais dessa forma. É claro que a gente ainda tem situações de conflito, de piadinhas, de desrespeito, mas o grupo dos alunos, pelo menos na sua maioria, quando vê uma situação de chacota como um [apelido de] ‘viadinho’, olha com muita desconfiança. Os adolescentes não têm tanta tolerância para essas agressões, essas piadinhas. Elas existem, mas sempre tem alguém, que não são só os adultos que olham torto [...]. (Paula, 30/01/2020)

Ou seja, embora o projeto, consolidado na escola, não seja suficiente por si só para erradicar as situações de violência, ele contribui significativamente para a identificação e o enfrentamento dessas questões, sendo reconhecido pelos próprios alunos e alunas. Além disso, com a discussão constante sobre o tema, alunas e alunos se sentiam mais à vontade para buscar ajuda em casos de violência, pois reconheciam a escola como um espaço onde tais atitudes não seriam toleradas.

Quando questionada sobre o alcance do projeto no momento atual, Paula destaca a ampliação das discussões abarcadas pelo projeto:

[...] a gente percebe mudanças não só na forma como a qual a gente encaminha as discussões, tomando como carro-chefe muito mais essa questão identitária do que uma questão de prevenção ou de iniciação à vida sexual, então tem uma coisa etária. A gente percebe que essa questão de sexualidade ela é mais urgente no Fundamental II e essa

questão da identidade de gênero, a discussão da desigualdade de gênero, ela é mais forte no Ensino Médio. (Paula, 30/01/2020)

Nesse sentido, ao diferenciar as necessidades dos grupos etários a partir das leituras do cotidiano escolar, produz-se um planejamento propício a uma discussão mais significativa para o momento da vida em que estão:

Eu sei que na Eletiva... eu vivenciei duas, né?! Na eletiva é diferente, porque eles se inscrevem, então o número de pessoas interessadas no assunto, ele é diferente, a energia da aula, a energia da sala de aula, ela fica outra, porque existe um interesse, existe uma busca, então algo ali já chama a atenção deles. (Rodrigo, 14/11/2019)

Rodrigo avalia ainda que o espaço da eletiva é mais convidativo e favorável à discussão em razão das inscrições, porém, nem todos/as aqueles/as que se inscrevem, conseguem cursar a eletiva que gostariam, ou nem todos/as, como observado na primeira aula, optaram pela eletiva por interesse no assunto, necessariamente. De toda forma, parte de quem estava na eletiva se mostrou motivado/a com a temática porque era, de fato, a sua primeira opção e do seu interesse discutir determinado assunto, o que, de alguma maneira, motivou o restante do grupo.

Aliás, Rodrigo reconhece reverberações dentro e fora da eletiva, a partir do engajamento dos/as alunos/as nas discussões propostas:

[...] semana após semana, esses assuntos sempre retomando e vendo que está vivo, e ver que eles estão entendendo. Tipo, 'ah, essa bandeira eu já sei qual é!' (risos). Ou então, um determinado assunto de gênero, o que é uma sexualidade ou não é. Então, fica muito forte para mim, ver que isso está acontecendo e que tá motivando eles a pesquisar, a buscar e também passar isso, compartilhar isso com outras matérias e com outros alunos de turma que é muito importante também, né?! (Rodrigo, 14/11/2019)

Entretanto, algumas ponderações merecem ressalvas. Embora reconheça os efeitos positivos das disciplinas eletivas na construção de um ambiente mais acolhedor para todos, Paula destaca que o trabalho realizado de forma isolada na escola não é suficiente. Ela também enfatiza a responsabilidade social de professores e professoras nesse processo:

Eu acho que é o projeto, mas não ele sozinho. Os avanços são esses, você perceber que isso está aí, está posto, não podemos virar ou fingir que não está ou que não existe a discussão, a desigualdade, a diferença. É responsabilidade de todos e todas fazer a discussão, embora nem todas ou todos assumam, mas é! E ao mesmo tempo, essa discussão está para além da aula, eu acho que são coisas que são avanços. (Paula, 30/01/2020)

Além dos desafios dentro da escola, a interação das famílias com a presença da temática na escola mostrou-se significativa. Apesar dos questionamentos e desconfianças do acesso à mídia contrária à formação em gênero e sexualidade, crescente nos últimos anos, Paula afirma que o percentual de famílias desfavoráveis ao projeto é pequeno. No entanto, com o aparato das redes sociais, esse "barulho" se torna maior, daí a necessidade de ações envolvendo as famílias para, não só informá-las, como para promover esclarecimentos.

Ao mesmo tempo, ela e Rodrigo também consideram fundamental o apoio da direção para que esses questionamentos não gerem retrocessos no projeto. As conquistas permanecem vivas porque a direção da escola tem consciência da necessidade desse diálogo e acredita nessas ações. Para conter e esclarecer ruídos, a escola passou a propor atividades informativas que envolvem as famílias, além de oferecer uma palestra com a mãe de uma aluna, psicóloga, apoiadora e parceira do projeto:

[...] a gente optou em fazer um encontro com as famílias que quisessem, para apresentar o projeto, e acolher dúvidas também, conversar um pouco, sabe?! Porque a gente acha que é importante fazer esse projeto e porque a gente faz e quais são as demandas da família [...]. (Paula, 30/01/2020)

A escola reconhece ainda a importância de dialogar com as famílias para que esse conhecimento possa ser expandido para dentro dos lares, tornando a discussão mais fluida e proporcionando à criança e/ou ao jovem maior segurança para se expressar tanto na escola quanto em casa.

Assim como o diálogo com as famílias, todos os passos dados pelo projeto ao longo desses anos tiveram professores e professoras à frente dessas mudanças que, sem dúvida, trouxeram para a equipe docente e discente um sentimento de pertencimento, de engajamento e de encorajamento. Com o passar dos anos, o grupo foi ficando mais diversificado e cada um passou a contribuir com suas vivências e distintas formações, deixando o trabalho pedagógico com essa temática ainda mais amplo e mais aprofundado.

A presença de pessoas LGBTQ+ na eletiva foi um aspecto bastante relevante para o enriquecimento e aprofundamento da discussão, não só no que diz respeito ao pertencimento, mas por uma questão de vivência, de acolhimento e de ampliação do repertório relacionado às temáticas tratadas. O engajamento de alunos e alunas não estava só ligado ao fato de ser um jogo e ao objetivo de ganhar as disputas entre os grupos, mas

também em acertar as respostas e demonstrar esses conhecimentos aos pares. Rodrigo manifestou essa percepção e levantou uma hipótese sobre esses comportamentos:

[...] eu sinto que ter pessoas que são LGBT lá assumidas e dentro de uma sala de aula e falar 'eu sou e eu tô aqui no primeiro dia...' E ver como essas pessoas estão lendo sobre e buscando entender a sua própria sexualidade, que também é fluida, né? Eles são jovens, então, ela é superfluida, entender e tirar essas barreiras, esses tabus, né? Por que não falar sobre isso, se é uma coisa tão natural da vida? Então, me deixou muito feliz isso! Assim, saber que tem pessoas que são LGBT ali e que elas estão olhando para a história, que é uma história apagada muitas vezes. (Rodrigo, 14/11/2019)

Rodrigo acredita na fluidez da sexualidade e, ao mesmo tempo, em seu caráter processual, o que vai na direção da reflexão de Weeks (1995) sobre o corpo, nossas necessidades e desejos como passíveis de mudança, assim como Louro (1999), quando defende a construção social da sexualidade ao longo de toda vida.

Igualmente, o diálogo sobre essas temáticas contribuiu, de fato, para que os/as indivíduos/as se autoconheçam e possam compreender seus desejos e necessidades, sem contê-los ou negá-los. Se esse é um processo pelo qual todos/as os/as indivíduos/as passam ao longo da vida, difundir esses acontecimentos pode ser um caminho possível para que se compreenda que a heterossexualidade, na verdade, está relacionada a uma imposição social.

Paula concorda com a percepção de Rodrigo e atribui alguns ganhos de convivência na escola não só às eletivas, mas também ao avanço das reflexões por parte dos/as alunos/as que consomem informações por meio da internet e em outros espaços e, com isso, não mais aceitam certas injustiças e discriminações dentro da escola:

A gente tem, com tudo que tem de ruim nas redes sociais e nessa polarização e nessa coisa rasa como um pires, mas, ao mesmo tempo, as coisas, elas aparecem mais e eles acessam os vídeos, youtubers, eles acessam informações... Eu acho que isso é muito diferente de 10 anos atrás. [...], mas acho que avançamos nesse sentido de que homofobia, LGBTfobia, machismo, acho que menos ainda, mas também, não são vistos por esses alunos e suas famílias como coisas naturais e, até mesmo, aturáveis na escola. Mesmo entre os alunos e alunas. [...] e então, tem a ver com o projeto e tem a ver com outras coisas, com o fato de haver mais democratização dessas discussões sendo instituídas, então há um espaço instituído e legitimado pela escola, porque ela fala, 'eu achei horrível a pessoa ficar pegando o meu celular' ou 'as pessoas ficam fazendo gestos obscenos na aula', e aí faz uma discussão. (Paula, 30/01/2020)

Apesar de reconhecer a contribuição do acesso à internet e às redes sociais para o avanço do debate de gênero, vale lembrar que esse acesso também acarreta dificuldades. Para Marília de Araújo, Ana Luísa Rosilho e Célia Regina Rossi (2019, p. 288),

[...] as esferas sociais que correspondem à escola e à família se atenuaram, ou seja, perderam suas forças e, com o aumento dos acessos às tecnologias e meios digitais, a sociedade disciplinar, que educava os corpos diante de determinadas normas punindo os que se desviassem da conduta esperada, deu lugar à sociedade de controle.

Com isso, ainda que a escola e a família tenham perdido parte desse espaço socializador, a internet assumiu um importante e perigoso papel na sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo em que se configura como espaço de transgressão, de produção de representações e instrumento poderoso de pesquisa, ela também funciona como um dispositivo regulador de comportamentos e ações, principalmente, daqueles/as que fogem aos ditos padrões normativos de beleza e de identidade e/ou sexualidade. Dessa forma, apesar das possibilidades que a internet apresenta, ela pode ser um ambiente bastante hostil para algumas pessoas, principalmente, no interior das mídias sociais, uma vez que são lugares sociais que ditam padrões de identificação quase nunca alcançáveis.

Embora a ponderação de Paula sobre o fato de os/as jovens estarem consumindo informações pertinentes fora da escola seja algo empoderador, a garantia de um ambiente seguro no interior da escola, que legitime a discussão da igualdade por meio de suas ações, torna o ambiente virtual também menos propício a atitudes discriminatórias.

Todavia, mesmo com as inseguranças levantadas entre os professores e a professora da eletiva, Rodrigo avaliou como positiva a interação dos/as alunos/as com as temáticas e dinâmicas:

Então, a gente conseguir tirar todas essas dúvidas e ver como ia ser, né? Porque a gente já conhecia as pessoas que iam estar, se elas iam jogar, né? Porque poderiam ser outras pessoas ou poderiam ficar achando que seria um pouco enfadonho, né? O jogo! Mas não, parece que acendeu os ânimos. (Rodrigo, 14/11/2019)

Uma cena presenciada no pátio, ao fim de uma das aulas, aponta mais um desafio enfrentado por esse projeto. Um grupo de garotos do Ensino Médio no pátio aberto estava fazendo brincadeiras corporais, puxando a calça um do outro. Havia uma professora intervindo na situação, porém, quando nos viu chegar, ela pediu que os/as integrantes do projeto falassem com eles e assumissem a situação. Caio questionou: “Gente, isso já foi conversado. Que brincadeira é essa?”. Os meninos não deram muita atenção, mas ficaram um pouco retraídos.

Essa cena revela também a importância da responsabilidade de todos/as na escola. Como diz Paula, não basta que a reflexão e o combate às desigualdades como um todo fiquem restritas aos responsáveis pelo projeto:

Então eu acho que a gente conseguiu andar um pouquinho nisso, fazendo com que outras pessoas percebam que [as questões, os temas, as situações] estão no mundo e que precisamos estar atentos, a [necessidade de promover]. A gente teve algumas experiências, poucas de formação, com os outros professores, com as outras professoras e outros funcionários e funcionárias dentro da escola, porque ainda é muito pouco, creio que seja um passinho, mas acho que é isso também, é um avanço e é uma conquista. Mas ainda tá muito nessa [fala por parte de algumas pessoas]: ‘Ah, eu sei que existe, eu sei que é importante, mas eu não sei fazer isso.’ (Paula, 30/01/2020)

A professora que não fazia parte do projeto pode ter buscado no grupo uma afirmação mais contundente para a sua fala. Ao mesmo tempo, pode ter soado para os alunos em questão que esse tipo de intervenção só quem faz ou tem legitimidade para fazer é quem faz parte do projeto “Gênero e Sexualidade”, o que seria um aspecto negativo, uma vez que essas interações se dão o tempo todo na escola e em todos os espaços. Talvez essa intervenção tenha demonstrado certa decepção no fato de os meninos estarem reproduzindo comportamentos que já haviam sido discutidos em algum espaço formal. No entanto, como a própria Paula levantou, nem todas as mudanças são fruto do trabalho do projeto.

Ainda refletindo sobre a necessidade de toda a escola estar alinhada em relação ao trato das questões de desigualdade que emergem na escola, Paula compreende que a formação docente sobre determinadas temáticas é necessária, mas a falta dela não minimiza a responsabilidade de educadores e educadoras na discussão destas pautas:

‘Porque eu não tive um treinamento!’ Também não tive, amigo! As pessoas entendem muito nesse lugar [de promover as discussões de gênero e sexualidade] de que você precisa ser um especialista para poder fazer uma discussão. Gente, ninguém precisa ser especialista de nada pra entender que você não pode ser racista ou que você não pode ser preconceituoso [precisa estar livre de todos os seus preconceitos]. [...] Tem ainda esse discurso, mas eu acho que a gente já avançou um pouco. Acho que, principal com os nossos alunos e alunas, é fazer essa discussão sair do lugar da aula e estar no mundo, mas acho que isso não é só mérito nosso, como instituição, acho que é o mundo que eles vivem, que a gente vive, é o mundo que eles acessam. (Paula, 30/01/2020)

A crítica de Paula ao fato de alguns/as colegas de trabalho não se sentirem à vontade ou aptos/as para lidar com a temática de gênero e sexualidade, por acharem que

têm pouco repertório sobre o assunto é um problema constatado por diversas pesquisas, entre elas Cláudia Vianna e Sandra Unbehaum (2006, p. 420) nos alertam:

A sexualidade é um tema cercado de tabus, valores culturais e morais, e de difícil abordagem para a maioria das professoras e professores. É preciso orientá-los para uma utilização de conteúdos de gênero que considerem os padrões de conduta estabelecidos culturalmente.

De fato, esses temas não encontram lugar na formação inicial de professores e professoras, o que limita a discussão a um espaço não necessariamente disponível aos professores e professoras – a formação continuada. E nesse sentido, seria interessante ter algum repertório para lidar com o tema, para que as intervenções não venham carregadas de juízo de valor e percam sua função de respeito e de defesa dos direitos individuais.

Em relação a cena protagonizada pelos meninos no pátio, Rodrigo já havia relatado perceber certa diferença na forma como os meninos lidam com a discussão de gênero e sexualidade proposta na escola, o que, talvez, poderia originar esses comportamentos, bem como sua manutenção, como uma forma de exercer a masculinidade sem transparecer fragilidades aos seus pares:

[...] então, se o menino for jogar, ele vai jogar já rindo, porque tem toda uma performance masculina junto aos outros meninos, porque é como se o homem tivesse que saber tudo, então ele não vai demonstrar que ele não sabe de algo. Então nessa chave, ainda mais sobre sexo... Pelo que acompanho, sempre que vieram dúvidas dos meninos, elas vinham com caráter mais de brincadeira, ou então de risada assim, como se ele já dominasse o assunto, como se não fosse um assunto... Porque eles também têm isso, ainda mais adolescentes... ‘Ah, já estamos sabendo de tudo’, ‘somos donos do nosso próprio nariz’. Então, trazer esses assuntos... também eu sinto que cai num lugar meio enfadonho, deles acharem que... ‘Ah não, a gente sabe’, mas na verdade eles têm muitas dúvidas, né?! Porque não é só o acesso ao Google que vai fazer com que eles saibam de tudo, até porque é muito deturpado também, né? (Rodrigo, 14/11/2019)

Para professores e professoras da disciplina eletiva, aquela cena seria produto de uma masculinidade hegemônica, que faz com que os garotos hajam de maneira a agradar o grupo, sem demonstrar inseguranças e insatisfações. Rodrigo e Caio ponderaram que a masculinidade deveria ser o tema de uma das "entradas", para que pudesse haver uma reflexão sobre essas questões, demonstrando a responsabilidade que o grupo toma para si no trato de questões significativas por meio do diálogo e da reflexão.

Assim, cabe ponderar sobre a importância de uma reflexão “sobre os processos de subjetivação de crianças e adolescentes que, desde tenra idade, internalizam preconceitos” que podem sustentar “atitudes sexuais discriminatórias entre iguais”, os

quais, novamente, reforçam a urgência de se “investir na capacitação dos professores, já que posturas pouco construtivas e discriminatórias provocam um duplo impacto negativo no ambiente escolar: à criança e/ou adolescente que apresenta sexualidade diferente e ao grupo” (Furnaletto, 2018, p. 567).

Embora a escola demonstre visível engajamento e responsabilidade no diálogo das temáticas de gênero e sexualidade, vale indagar se essas discussões e intervenções só ganham espaço nas eletivas e permanecem invisibilizadas nas outras aulas e espaços da escola. Sobre isso, Paula afirma:

eu acho que a outra conquista é fazer, e essa é recente, é fazer a Instituição entender que não é um [só] papel nosso [do Programa], fazer isso. (...) Eu acho que isso é outro perigo assim, o discurso de que 'você são do projeto, então você têm que resolver'. Como se fosse uma atribuição unicamente nossa fazer essa discussão. (Paula, 30/01/2020)

Segundo Rodrigo, a escola se esforça para dar conta dessas discussões em outros espaços fora do projeto, como nas disciplinas regulares.

Eu acho que na escola eles trabalham muito bem, porque não é só a eletiva ou o programa que dá conta disso, em outras matérias que eu até acompanhei... teve uma matéria de Literatura, por exemplo, eles falando sobre gênero a partir da obra de Machado de Assis... então você vê os personagens da época, como elas eram tratadas ou então no que elas estavam sujeitas à opinião do marido ou até mesmo à figura do marido diante da sociedade, elas estavam ali, à mercê, então olhar isso e ver que é um assunto que é trabalhado nas aulas e ver que desperta e que levam para as outras aulas e que tem esse intercâmbio de ideias, me deixa muito feliz, saber e ver que está acontecendo, né?! De um aluno, saber que eles estão lendo e pesquisando sobre o assunto, né?! E entender né?! Até porque é um assunto difícil, até mesmo para nós que somos da academia, né?! (Rodrigo, 14/11/2019)

Também é possível estabelecer relações entre o trabalho desenvolvido no programa e a ampliação de um olhar reflexivo para essas questões quando presentes nos materiais pedagógicos de outras disciplinas.

Nesse sentido, o projeto contribui também para que docentes não integrantes do programa sejam convidados a refletir sobre determinadas temáticas através da criticidade manifestada por estudantes. Essa criticidade, claro, é proveniente de um repertório que já carregam consigo, mas também das discussões propostas pelo projeto. Do mesmo modo, a discussão de gênero e sexualidade estaria presente nas aulas devido ao repertório dos/as jovens, por isso a importância de estar atento ao debate para que as discussões sejam ricas e possam encontrar nos materiais pedagógicos ferramentas importantes para exemplificar e superar questões que ainda não foram superadas na sociedade.

Considerações Finais

Diversas pesquisas investigaram a importância do diálogo sobre gênero e sexualidade na educação. E, ainda que essa temática já integre o cotidiano de crianças e jovens na instituição escolar, ela nem sempre faz parte de um trabalho pedagógico estruturado que possa promover espaços de discussão dentro e fora das salas de aula.

Com isso, retomamos neste artigo o já constatado por pesquisas anteriores sobre gênero e sexualidade na escola sobre a importância desse tema na formação inicial e/ou na formação continuada docente. Por um lado, antes de defender a inclusão dessa temática na escola, é essencial que o corpo docente reconheça a presença inequívoca desse assunto em sala de aula com todos os símbolos que o compõem, permeando relações e comportamentos. Por outro lado, dar visibilidade às questões de gênero incomoda, mas também transforma relações e concepções cristalizadas, promovendo práticas educativas emancipatórias.

A ausência da temática na formação docente e no currículo das universidades e a compreensão de que ela não deve ser tratada por falta de conhecimento prévio do assunto demandam uma reflexão em torno da ausência deste tema nas formações docentes iniciais e continuadas. Vemos com clareza um ataque político-midiático às escolas e docentes que propõem essas discussões na sala de aula, o que torna o trabalho pedagógico com esse tema quase um ato de coragem.

Ademais, é importante retomar que a escola em tela iniciou seu projeto na década de 1990 com outro formato e foco, mas, ao longo do tempo, ele foi ganhando as intenções atuais. Seu início se deu a partir de um grupo espontâneo de docentes, sendo que um deles, mais tarde, documentou o projeto em sua dissertação de mestrado. As ações desse grupo revelam que a persistência tornou possível o desenvolvimento do projeto com o formato e o espaço que tem hoje na escola.

A presença da reflexão sobre gênero e sexualidade ainda é um tabu, mas trazê-la para a sala de aula nos convida a refletir sobre os afetos mobilizados por alunos e alunas interessados em dialogar sobre gênero e sexualidade. Além disso, a heterogeneidade, parte intrínseca de toda sala de aula, aparece latente nas vivências de estudantes em torno da temática.

Havia também uma preocupação em garantir a reverberação e a generalização dessas discussões em sala de aula para todos os ambientes em que alunos e alunas

transitavam. Ora, se essas discussões ficassem localizadas apenas no espaço circunscrito às disciplinas eletivas ou às entradas propostas pontualmente pela escola, ela não teria seu objetivo principal alcançado, que foi fazer com que estudantes pudessem refletir sobre a sua realidade e enxergar as desigualdades que colocam em risco a vida de algumas pessoas em detrimento de outras. Essa preocupação é fundamental, inclusive para mobilizar a reflexão do corpo docente em torno do planejamento, pensando no que faz sentido para um grupo de alunos/as específico e o que vai mobilizar e engajar mais esse grupo.

Consideramos que o conhecimento é uma construção e, dessa forma, pode ser que essas reverberações levem tempo para serem, de fato, vivenciadas no cotidiano da escola. Assim, o formato adotado pelo Programa aqui examinado proporcionou vivências que tornaram as aprendizagens menos discursivas e mais propositivas e experienciadas.

Essa experiência também trouxe valiosas contribuições para refletir sobre como o trabalho sistemático com a temática de gênero e sexualidade surte efeitos, envolve a maioria da comunidade escolar e faz com que alunos e alunas que fogem do padrão hetero-cis-normativo sejam reconhecidos, ouvidos e respeitados.

Diante dos impasses enfrentados, o professor responsável pela disciplina eletiva e todo o conjunto de docentes envolvidos no projeto mais amplo procuravam garantir o debate de gênero. O trabalho pedagógico desenvolvido por meio de jogos foi uma proposta engajadora porque convidava alunos e alunas a pensar, a participar, mas também os/as instigava a refletir. O formato dos quizzes envolvia jogos corporais e, durante as próprias dinâmicas, esses temas apareciam na fala dos/as alunos/as, em conversas paralelas, reflexões e vivências proporcionadas também pelo formato proposto pela disciplina.

São inúmeros os percalços diante dos ataques ao gênero e do silenciamento imposto a esse debate nas instituições de educação. Entretanto, também fica visível que esses espaços formativos podem ser lugares de reação, transformação e compromisso com a construção de processos educativos, livres de estereótipos de gênero. As narrativas da professora e do professor, assim como os relatos dos/as estudantes, mostraram a potência do debate de gênero para a problematização das desigualdades e das violências direcionadas às mulheres e à população LGBTQ+ com a valorização das diferenças na sala de aula e na escola.

Diante dos resultados observados, destaca-se os benefícios da presença da discussão de gênero e sexualidade na escola de modo a contribuir para a ampliação e

abrangência dessa temática, buscando formas de enfrentamento e de aproximação das famílias com o assunto. Ou, ainda, possa possibilitar que professores e professoras busquem se aproximar deste debate, compreendendo que as questões de gênero e sexualidade são fundamentais para a superação das desigualdades na sociedade e que sua presença na escola pode proporcionar um convívio respeitoso e seguro para todos e todas.

Ao mesmo tempo, a vivência com os/as jovens foi motivadora ao vermos que essa temática foi debatida de maneira franca e aberta no espaço escolar com um trabalho pedagógico em gênero e sexualidade desenvolvido com essa faixa etária. E foi um encantamento! Os/as jovens nos trazem muita esperança e ensinamento. Nossa vivência ao longo desse processo nos proporcionou ainda mais comprometimento enquanto pesquisadoras, enquanto profissionais da educação e enquanto cidadãs e feministas.

Ainda há muito trabalho a ser feito em torno desse tema, ainda mais diante de tantos retrocessos, mas há resistência e essa escola e seu projeto de Gênero e Sexualidade é mais um alento.

Em tempos em que um assunto sério como esse é colocado no lugar de “cortina de fumaça”, é preciso ter clareza que se trata, na verdade, de um mecanismo de controle que minimiza e secundariza o direito à educação e à própria vida. Esse deve ser um assunto prioritário, porque trata de existências, ou como alerta Judith Butler, existências que, sem exceções, deveriam importar.

Referências

ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: ABDAL, A. et al. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*. São Paulo: Sesc/Cebrap, 2016.

ALTMANN, Helena. *Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola*. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ARTIGO 19 BRASIL. *Dados sobre feminicídio no Brasil*, 2020. Disponível em: <https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2018/03/Dados-Sobre-Feminic%C3%ADdio-no-Brasil-.pdf>.

ARAÚJO, Marília Fracetto; ROSILHO, Ana Luísa; ROSSI, Célia Regina. 13 Reasons Why: Educação em sexualidade e análise dos comportamentos e situações da série. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 12, n. 39, p. 283-302, jan./jun., 2019.

BARBOSA, Luana Pires. *Gênero e sexualidade em uma escola pública do município de São Paulo: entre desafios, dificuldades e motivações*. 144p. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FURLANETTO, Milene Fontana et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa* [online], v. 48, n. 168, p. 550-571, jun. 2018.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual - quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. *Perspectiva*, Florianópolis: v. 26, n. 2, 283-317, jan./jun. 2008.

GAVA, Thais; VIANNA, Cláudia. O discurso antigênero e a notificação extrajudicial nas escolas. *Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-22, 2024. <https://doi.org/10.34024/olhares.2024.v12.15721>

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Revista Psicologia Política*, Florianópolis, v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2018000300004.

LEITE, Vanessa Em defesa das crianças e da família: refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad* [online], Rio de Janeiro, n. 32, p. 119-142, jul. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

OBSERVATÓRIO DE MORTES VIOLENTAS LGBT NO BRASIL. Disponível em: <https://observatoriomortesviolentaslgbtbrasil.org/2020>.

ROSSI, Célia Regina; VILARONGA, Carla Ariela Rios; GARCIA, Osmar Arruda; LIMA, Maria Teresa Oliveira. Gênero e diversidade na escola: reflexões acerca da formação continuada sobre assuntos da diversidade sexual. *Contexto & Educação*, v. 27, p. 06-34, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 16, jul./dez. 1990.

SCOTT, J. W. Os usos e abusos do gênero. Trad. Ana Carolina E. C. Soares. ***Projeto História***: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, 2012a. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/943>.

VIANNA, Cláudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 95, p. 407-428, ago. 2006.

VIANNA, Cláudia Pereira; BORTOLINI, Alexandre. Discurso antigênero e agendas feministas e LGBT nos planos estaduais de educação: tensões e disputas. ***Educação e Pesquisa***, São Paulo, v. 46, p. 1-25, 2020. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046221756>

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1995.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em junho de 2025.